

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIOR DE TEFÉ-CEST**

VALDENÉIA DA SILVA FERNANDES

**“A CONFUSÃO DOS TIPOS”: O OLHAR NATURALISTA SOBRE AS
POPULAÇÕES DO RIO SOLIMÕES NO SÉCULO XIX**

**Tefé-Am
2016**

VALDENÉIA DA SILVA FERNANDES

**“A CONFUSÃO DOS TIPOS”: O OLHAR NATURALISTA SOBRE AS
POLULAÇÕES DO RIO SOLIMÕES NO SÉCULO XIX**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História, do Curso de História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST. Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador: Prof. Me. Alcemir Arlejean
Bezerra Teixeira

Tefé
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

FERNADES, Valdenéia da Silva. **“A confusão dos tipos”: O olhar naturalista sobre as populações do rio Solimões no século XIX** 48f. Monografia de Graduação em História do Centro de Estudos Superiores de Tefé / Universidade do Estado do Amazonas, Tefé-Amazonas, 2016.

Orientador: Profº. Me. Alcemir Arlejean Bezerra Texeira.

Palavras- chaves: ciência, naturalista, século XIX, populações, rio Solimões.

Área de Concentração: História Social.

Titulação: Graduação em História

VALDENÉIA DA SILVA FERNANDES

**“A CONFUSÃO DOS TIPOS”:O OLHAR NATURALISTA SOBRE AS
POPULAÇÕES DO RIO SOLIMÕES SÉCULO XIX.**

Esta Monografia foi julgada para obtenção do título de licenciado em História, e
aprovada em sua forma final pelo curso de História.

Banca Examinadora

Profº. Me. Alcemir Arlejean BezerraTeixeira

Profª. Me. Luciano Costa Telles

Profº Me. Tenner Inauhiny Abreu

DATA: __/__/__

TEFÉ-AM

2016

DEDICATÓRIA

Dedico esse momento de conquista as pessoas que são meu porto seguro e que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis da minha vida, e foram de fundamental importância para que esse momento fosse possível. Ao meu precioso pai Evaldo Fernandes, a minha querida mãe Maria de Fátima Fernandes e aos meus irmãos e sobrinhos, o meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Ao Programa de Iniciação á Docência (PIBID), da Universidade do Estado do Amazonas, por ter concedido e viabilizado a mim por meio do CAPES, uma bolsa de estudo, sem a qual, talvez não tivesse chegado até aqui.

Aos meus pais Evaldo Fernandes e Maria de Fátima Fernandes.

Ao meu orientador Alcemir Texeira, sou grata pela amizade e confiança que delegou a minha pessoa e ao meu trabalho.

Aos meus colegas de graduação, principalmente, a Linderjane Reis, Mara Lima, Eunice Mendes, Ednágila, Kiane Seabra, Hellene Frazão, e Ezequiel pela amizade, paciência e incentivo que não tem preço.

Aos meus familiares, pelo apoio constante, principalmente em alguns momentos difícil que me fizeram desanimar.

A bibliotecária do Instituto Mamirauá, que com toda generosidade me emprestava os livros, meu muito obrigado dona Maria Graciene

Enfim a todos os amigos tefeenses.

Meu muito obrigada.

“Tudo posso naquele me fortalece”.

Filipenses Cap.04 Vers.13

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender o olhar científico dos viajantes naturalistas que percorreram o rio Solimões no século XIX, em busca de estudarem não somente a fauna e flora, mas também seus habitantes. Esses estudiosos embalados pelo sucesso das ciências naturais partiram em busca de novas descobertas, em direção aos mais longínquos cantos, um desses foi o rio Solimões. Os naturalistas, que se dirigiram para essa parte do Solimões, eram botânicos, zoólogos, entomólogos, geólogos, enfim, cientistas oriundos das ciências naturais, que estavam preocupados em atender as exigências e propósitos profissionais, com os quais estavam diretamente comprometidos, porque lhes caberia descrever tudo o que se encontrava pelo caminho. Além disso, o trabalho mostra como a população desta região foi analisada por esses homens da ciência que passaram anos percorrendo seus rios em busca de coletarem dados da sua população para levarem para seus países de origem.

Palavras-chaves: ciência, naturalistas, século XIX, populações, rio Solimões

ABSTRACT

The objective of this study is to understand the scientific perspective of the naturalists who traveled the Solimões River in the 19th century, in order to study not only the fauna and flora, but also its inhabitants. The naturalists, who went to this part of the Solimões, were botanists, zoologists, entomologists, geologists, and scientists. They were the naturalists, who were in search of new discoveries, towards the furthest corners. , In short, scientists from the natural sciences, who were concerned to meet the professional demands and purposes with which they were directly involved, because they would have to describe everything that was along the way. Moreover, the work shows how the population of this region Was analyzed by these men of science who spent years going through their rivers in search of collecting data of their population to take to their countries of origin.

Keywords: Science, naturalists, 19th century, populations, river Solimões

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
A CIÊNCIA NO SÉCULO XVIII e XIX	13
1.1 UM BREVE PANORAMA DA CIÊNCIA NO SÉCULO XIX	13
1.2 - O QUE É UM NATURALISTA?	17
1.3 OS NATURALISTAS NO BRASIL	19
CAPÍTULO II	24
AMAZÔNIA: O LABORATÓRIO DOS NATURALISTAS NO SÉCULO XIX	24
2.1 NATURALISTAS NO RIO SOLIMÕES	26
2.2 O OLHAR CIENTÍFICO SOBRE AS POPULAÇÕES DO RIO SOLIMÕES	29
2.3 OS POVOLS ÍNDIGENAS NO OLHAR DOS NATURALISTAS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O século XIX foi um período excepcional para a história da ciência brasileira. Com a chegada da Família Real Portuguesa e a abertura dos portos para as nações amigas, o grande número de expedições científicas que vieram ao Brasil trazendo naturalista aumentou. Foram inúmeras as expedições que percorreram o país a procura de descobertas que contribuísse para o desenvolvimento da ciência. Foi sob os olhares de biólogos, geólogos, antropólogos, botânicos, vindos da Europa ou dos Estados Unidos que o Brasil passou ocupar um lugar relevante em inúmeros relatos de viagens dos homens de ciência.

Embalados pelo sucesso das ciências naturais, os viajantes naturalistas partiram em busca de novas descobertas, em direção aos mais longínquos cantos do Brasil. Um desses lugares foi o rio Solimões. Nesse sentido esta pesquisa tem como o objetivo compreender o olhar dos naturalistas sobre a população do rio Solimões em meados do século XIX, até então uma região pouco explorada pelo olhar das ciências ocidentais.

O interesse por tal tema principiou a partir das discussões realizadas ao longo dos quatro anos de curso de Licenciatura em História, especificamente nas disciplinas de Amazônia, pelo fato de se perceber que o rio Solimões foi um importante espaço de concentração de naturalistas em busca desenvolver trabalhos científicos. Mas o que mais chamou atenção foi a infinidade de questões que estavam por trás dos relatos desses pesquisadores que deixaram seus lares nos países de origem para adentrar nas matas, rios, e igarapés do rio Solimões a fim de estudarem tanto a fauna, flora como seus habitantes.

Os naturalistas Agassiz, Bates e Wallece que passaram pelo rio Solimões no decorrer do século XIX, não representavam novidades para mim. A novidade foi perceber as questões por eles postas, eram muito mais amplas e bastante complexas do que então havia imaginado.

Essas questões foram amadurecendo ao fazer as leituras e releituras dos vários naturalistas, auxiliada por significativa bibliografia. Pude perceber nesses relatos preocupações que ultrapassavam os principais objetivos de estudar a natureza da região. Eles estudaram a população do rio Solimões destacando suas características.

O recorte temporal aqui adotado será o século XIX, com base nas análises empreendidas nos discursos proferidos por homens de ciência, cujas práticas nos possibilitam compreender os discursos dos séculos anteriores por eles atualizados no século XIX.

Colocadas essas questões mais gerais, passemos a discutir as fontes para compreender nosso tema, qual seja, os discursos dos naturalistas sobre as populações do rio Solimões no

século XIX. Assim sendo, analisaremos os discursos dos naturalistas, para além da especificidade de serem relatórios científicos, como documentos

Nessa pesquisa, não posso deixar de mencionar a influência de Karen Lisboa, Carvalho Júnior, Almir Diniz Noronha, Hideraldo Costa e outros por contribuir com suas historiografias, que me possibilitaram trilhar os caminhos percorridos até aqui.

O problema que motivou esta pesquisa se concentra principalmente na forma como os naturalistas descreveram a população dessa região, muitas das vezes de maneira preconceituosa.

Este trabalho, portanto é composto por dois capítulos, o primeiro trata da ciência no século XIX, período de acentuado interesse científico e tecnológico. Em sequência refletimos sobre o interesse dos naturalistas pelo Brasil e suas buscas de novas descobertas que contribuíssem para desenvolvimento da ciência.

No segundo capítulo abordamos o rio Solimões no século XIX, como um importante espaço de concentração de em que os viajantes naturalistas desenvolveram trabalhos de pesquisa. Estes naturalistas estavam preocupados em atender as exigências e propósitos profissionais, com os quais estavam diretamente comprometidos, lhes cabia classificar, ordenar, organiza toda a riqueza natural encontrada.

Quanto a metodologia, optou-se por uma revisão bibliográfica do tema e por usar como fonte primária os discursos produzidos em diários e relatórios científicos dos naturalistas que passaram pelo rio Solimões no século XIX, dando especial atenção ao olhar destes viajantes sobre as populações amazônicas.

CAPÍTULO I

A CIÊNCIA NO SÉCULO XVIII e XIX

Esse capítulo tem como objetivo, no primeiro momento apresentar um breve panorama da ciência no século XIX. Sendo assim dividi o capítulo em três tópicos: no primeiro verificarei qual o pensamento científico no século XIX, para então em seguida compreender o papel do naturalista, no momento em que vários estudiosos não pouparam esforços em realizar pesquisas científicas que pudessem satisfazer suas curiosidades e problemáticas intelectuais. No terceiro tópico buscou-se refletir como o Brasil tornou-se rota obrigatória para cientistas que queriam participar, pontualmente, dos debates científicos de seu tempo.

1.1 UM BREVE PANORAMA DA CIÊNCIA NO SÉCULO XIX

Para Antunes (2013) o século XIX foi um período de grande interesse científico e tecnológico, não apenas no continente europeu, mas em diferentes partes mundo. A ciência em meados do século XIX, particularmente as ciências naturais explorava as fronteiras dos gabinetes de estudos, das bibliotecas e dos museus. As pesquisas em História Natural dependiam em grande parte da comparação entre coleções de espécimes de animais, plantas, rochas, transformavam os estudiosos em muitos casos, em viajantes e colecionadores. Mesmo que esses se dispusessem de poucos recursos, muitos foram os homens e mulheres que se lançaram em viagens transatlânticas, com destino a lugares pouco explorado pelos europeus, onde poderiam observar e colecionar novos espécimes.

O fundamento para esta crença na ciência estava no pensamento do filósofo francês Auguste Comte. A filosofia positivista de Comte, analisava o desenvolvimento da humanidade desde seu estado mais primitivo até a época mais atual criando diferentes estágios da classificação. O primeiro dentre eles é o mais primitivo estado recebe o nome de teológico e, nele, os homens buscam explicar os fenômenos ao seu redor através de causas sobrenaturais. Já o segundo estado, o metafísico, a procura por entidades supranormais para explicar o mundo minoria e começa a dar lugar para pesquisas realizadas diretamente na natureza. E por ultimo, o mais alto degrau desta escala evolutiva, a humanidade alcança o estado positivo, onde a ciência é tomada como ferramenta para se investigar o mundo e, através dela, formular leis gerais que permitiriam compreensão do mundo no qual o homem se insere.(ANTUNES,2013,p.21)

Além do positivismo de Comte, outro fator importante fazia do século XIX um período científico, a Revolução Industrial, que tem seu início tradicionalmente no século anterior. Com expansão dos avanços tecnológicos e industriais que rapidamente surgiram, impactando a vida do homem no século XVIII. E com a Revolução vieram transformações socioeconômicas e culturais que contribuíram ainda mais para tornar o mundo, no século XIX um lugar mais cheio de novidades. (ANTUNES, 2013, p.22)

A ciência beneficiou-se tremendamente com o surpreendente estímulo dado a educação científica e técnica durante Revolução Industrial permitindo ao homem um maior conhecimento. Com esses avanços era possível realizar pesquisas mais profundas e conseqüentemente, compreender, de forma mais ampla, o próprio homem e seu mundo.

A era revolucionária, portanto, fez crescer o número de cientistas e eruditos e estendeu a ciência em todos os seus aspectos. E ainda, viu o universo geográfico das ciências se alargar em duas direções. Em primeiro lugar, o progresso do comércio e o processo de exploração abriram novos horizontes do mundo ao estado científico e estimularam o pensamento sobre ele. (HOBSBAWM, 2014, p.21)

Nesta era revolucionária a ciência ampliou o domínio da técnica com o intuito de compreender e dominar a natureza ao seu redor, mas do que isso, para os cientistas do século XIX, a ciência podia tudo, seria a ferramenta necessária para levar o mundo em direção ao progresso. A ciência nesse período era observadora, descritiva e principalmente viajante. Os naturalistas no século XIX, eram homens que com poucos recursos financeiros, formavam expedições e aventuravam-se até aos lugares mais longe do mundo, para coletar amostras para a observação científica. No entanto, viajar para fazer pesquisa de campo, não era de modo algum, uma decisão fácil. Além dos perigos físicos que a viagem envolvia, havia também o risco de seu trabalho não ser reconhecido pela comunidade científica que, naquela época, não era unânime quanto à valorização do trabalho do viajante

A ciência do século XIX não era uma ciência somente de laboratório, era uma ciência que estava em constante debate, dividida entre duas atividades de grande importância, o gabinete e a natureza. Esses pontos de vista pode ser melhor entendido através de dois lados da mesma moeda, cada um defendendo um lado diferente dessa mesma idéia. Para o francês Georges Cuvier (1769-1832), o verdadeiro local da ciência era dentro dos gabinetes. Era dentro deles que o pesquisador estava melhor amparado de fontes para seu estudo, pois poderia contar com sua biblioteca, com as coleções que já se encontravam depositadas nos museus de Paris.

Para Cuvier, as viagens eram atividades importantes, pois eram através delas que seriam coletados os espécimes que chegariam aos gabinetes, mas viajar era um atividade para

os jovens e os menos experientes. Já para o naturalista Alexandre Humboldt, a viagem era um etapa fundamental para o estudo da natureza. Eram nessas expedições que os naturalistas coletavam dados valiosos para ciência.(ANTUNES.2013. p.23)

Diante dessas afirmações percebe-se que essa febre científica fez do século XIX um período de grande movimentação científica. Foi partir das primeiras décadas do oitocentos que o Brasil entra no roteiro de viagens obrigatória daqueles que pretendiam estudar a flora e fauna no Novo Mundo.

No Brasil a entrada de estudiosos da natureza foi limitada pela política mercantilista de Portugal voltada á exploração exclusiva dos recursos naturais de suas colônias. Entre os diferentes territórios as colônias portuguesas da América sempre despertaram maior interesse de estudiosos da natureza. Passaram por seus territórios exploradores portugueses e espanhóis. O objetivo era a busca de riquezas da fauna flora e minerais. Apesar deste afã do enriquecimento, eles nos legaram importantes relatos sobre as populações autóctones.

Foram muitas imagens atrativas que incentivaram os naturalistas a virem para o Brasil, entre elas destaca-se conhecer a floresta tropical e sua enorme diversidade de espécimes dos mais diferentes grupos de mamíferos, aves, répteis, peixes, insetos, plantas, como argumenta Kury (2001,p.865)

A imagem pujante da paisagem tropical apresentava-se como ambiente privilegiado aos naturalistas para o estudo da história natural que aprendiam nos centros acadêmicos europeus, sinalizando para o grande potencial de novas espécies a serem descobertas e descritas.

Foi após a transferência da corte portuguesa da metrópole para a colônia em 1808 que imediatamente houve um aumento no número de viajantes naturalistas que aportaram no Brasil para a conquista dessa parte da América Latina, ainda pouco descortinada pelo mundo europeu. A chegada da corte portuguesa provocou o surgimento das primeiras instituições científicas com o pensamento das Luzes:

Nenhum país floresce e se felicita sem indústria; por ser ela o móvel principal da prosperidade e da riqueza, tanto pública como particular de uma Nação culta e realmente independente (...) e por isso todos os países europeus, convencidos de que a industria é a rica fonte inesgotável da prosperidade, inauguram Sociedades Patrióticas, para promovê-las, e inventar máquinas que é o meio de que a indústria se serve, para aumentar forças e obter em menos tempo com menor número de braços,e com mais facilidade e perfeição pela efetividade, e regular aplicação de suas forças,maior soma de riquezas de uma nação quanto é a perfeição da mão-de-obra, e com tão pouca despesa, quanto é o custo da maquina, e da matéria, que é aplicado (DOMINGUES apud DANTE,2001,p.86)

E imediatamente a coroa passou a desenvolver estudo das ciências naturais, da física e entre outros para assim tornar o país desenvolvido. No primeiro momento, surgiram

associações visando à exploração da natureza e também aquelas dispostas a lançar as bases da nação. Dentre as associações que surgiram no Brasil privilegiando as ciências naturais, no século XIX destacara-se a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), com a firme intenção de promover o melhoramento e prosperidade da Indústria no Império brasileiro. Essa Sociedade Auxiliadora tinha como principal objetivo a valorização das ciências naturais sob a orientação das idéias iluministas. O interesse pelas ciências naturais foi liderado por pessoas influentes da associação, que podiam impor seus interesses, fossem eles científicos, políticos-econômicos. (DANTES, 2001, p.84)

A sociedade Auxiliadora funcionava com uma espécie de órgão de particularidade do Estado, concedia licenças para desenvolver novas espécies agrícolas, para manufaturá-las, fabricar máquinas ou explorar minérios. Alertava também para as questões do conhecimento aplicado e seu ensino, demonstrando preocupações sociais. Pode-se entender o valor das ciências naturais como campo de saber que aliava a política econômica do governo brasileiro, voltada para a agricultura. A grande valorização das ciências naturais na instituição deveu-se principalmente ao caráter pragmático que haviam adquirido os conhecimentos. Assim o país tornava-se mais desenvolvido com a ajuda dessa sociedade letrada que propunha novos rumos ao crescimento do Brasil. (DANTES, 2001, p.106)

Segundo a antropóloga Lilian Schwartz o Brasil neste momento de crescimento passa a instalar os primeiros estabelecimentos de ensino, visando reproduzir a cultura e memória do país. O imperador era o grande responsável por esse desenvolvimento, ele apoiava a fundação de novas instituições de saber. A partir desse momento se percebe os primeiros grupos de intelectuais brasileiros que passaram ter formação e carreira em solo brasileiro.

Assim, o que se pretende demonstrar é que foi a partir da criação dessas instituições que os intelectuais brasileiros, procuravam legitimar ou respaldar cientificamente suas posições nas instituições de saber.

O que se valorizava nesse momento, porém não era tanto o avanço científico entendido enquanto incentivo à pesquisa original, e sim uma certa ética científica, uma cientificidade difusa e indiscriminada. Tanto que se consumiram mais manuais e livros de divulgação científica do que obras ou relatórios originais. (SCHWARCZ, 1993, p.30)

É justamente esse o contexto que propicia o aparecimento de um tipo especializado de profissional. Ávidos da produção científica, sobretudo européia, esses intelectuais dispersos nos diversos estabelecimentos tenderão a reconhecer-se como homens da ciência. Era assim,

como uma sociedade científica e moderna, que o Brasil no século XIX pretendia se auto-representar.

Para entende melhor como Brasil se tornou um país totalmente visitado por esses homens da ciência se faz necessário entendermos melhor o trabalho desses cientistas.

1.2 - O QUE É UM NATURALISTA?

Discorre-se nesse tópico sobre o trabalho científico dos naturalistas no século XIX. Esses naturalistas eram botânicos, zoólogos, entomólogos, médicos, geólogos, oriundos das ciências naturais.

A palavra naturalista, deriva do naturalismo que tem termo rico em significados como a maioria dos ismo, ele possui aplicações diversificadas e assume diferentes áreas do conhecimento científico. Em literatura, o termo surgiu na França no final do século XIX, em artes plásticas, ele denota a tendência de representar as formas naturais, incluindo os corpos humanos, de maneira mais realista possível, assim como elas se apresentam aos sentidos. (FERREIRA, 2010, p.527)

Era considerado naturalista aquele que, durante os séculos XVIII e XIX dedicava-se exclusivamente ao estudo da história natural. O naturalista durante esses séculos deveria observar tudo que pudesse contribuir com a ciência. Formado em ciências naturais o naturalista tinha como função compreender tudo que dizia respeito ao mundo natural, desde os animais, passando pela fauna e flora, até os fenômenos climáticos. Nisso também incluía a sociedade humana.

[...] o naturalista procurava almejar o conhecimento universal. Ser naturalista implicava compreender tudo o que dizia respeito ao mundo natural, desde os animais, passando pela fauna e flora, até os fenômenos climáticos, geográficos e astronômicos. Nisso estava compreendida também a sociedade humana, sua civilização, sua história, sua economia e assim por diante. (LISBOA, 2009, p.180)

Essa preocupação com a universalidade havia submetido o olhar do naturalista que apreende a natureza por meio da descrição isolada de seus objetos e procura classificá-la em determinado sistema.

Com a imposição da classificação das espécies feita por Lineu, os cientistas tinham uma nova linguagem universal. O criador desse sistema -Lineu - enviou seus discípulos pelo mundo a fora para coletar novas espécies de animais com o objetivo de aumentar o conhecimento sobre as espécimes na natureza. O progresso desse sistema se deu durante o renascimento, nos primeiros anos do século XVI, ele possibilitou aos naturalistas dois grandes instrumentos de trabalho, o microscópio e o telescópio, de modo que, neste século houve uma

mudança gradual nas atitudes de cada cientista que passaram da credulidade para o espírito científico.

Os países mais ricos em diversidade natural com é o caso do Brasil tornou-se um verdadeiro campo de pesquisa para os naturalistas dispostos a concretizar a tarefa lineana. Disto decorre uma fúria colecionista da quais muitos naturalistas ariscaram suas vidas em busca de descobertas novas de espécimes, para serem apresentadas nos grandes eventos acadêmicos na Europa. Tratava-se de grandes projetos que previa enriquecer os grandes museus de história natural e também contribuir para o mercado editorial com livros de viagem,além de amplos estudos sobre a natureza.O naturalista que realizassem uma viagem de exploração para outros países podia estar ciente da ascensão de sua carreira.(LISBOA,2009,p.181)

Para o naturalista a compreensão do mundo natural, estava além da tarefa de sistematiza os objetos naturais. O pesquisador da natureza deveria ter uma relação afetiva com o mundo natural, isto é o sentimento mais profundo com a natureza.Os pesquisadores da natureza declaravam que não seria possível estudar a natureza sem manter contato diretamente com ela,isso era necessário para qualquer pesquisador que quisesse alcançar o reconhecimento universal.

Mesmo que muitos naturalistas se exprimissem nos gabinetes de história natural buscando novos conhecimentos, seria preciso uma quantidade maior de homens de diversas nacionalidades para conseguir material necessário para conhecimento em história natural, sendo preciso não esquecer os sistemas formulados a partir da observação e classificação. A essa sistema universal submetido no olhar do naturalista que apreende na natureza por meio da descrição isolada de seus objetos a procura classificar no sistema.

Foi a partir da necessidade de novos conhecimentos que muitos naturalistas foram enviados para diversos países com intuito de realizar pesquisa científicas que pudesse contribuir com estudo da historia natural. (LISBOA, 2009, p.185)

Segundo Leite (1995) muitos desses naturalistas saíram em grandes expedições científicas, aos mais longínquos cantos do mundo a procura de novas descobertas em história natural. Esses pesquisadores da natureza fizeram a opção de ver com seus próprios olhos as riquezas naturais existente em cada país. Nessas grandes expedições,os viajantes naturalista buscavam dar conta das sensações e impressões durante sua estada a cada país.Não só utilizado o desenho e a pintura,mas também fazendo grande e ricas descrições textuais.Para esses pesquisadores do século XIX, a multiplicidade de eventos que envolvia o naturalista em sua viagem deveria ser descrita pela ciência naturais.Assim muitos desses homens e

mulheres, não escolheram apenas ver com os olhos próprios olhos, mas ouvir e sentir também com o próprio corpo os fenômenos onde aconteciam.

Diante dessas afirmações percebe-se que foi a partir desses novos rumos das ciências naturais, que muitos naturalistas passaram a empreender viagens a vários lugares do mundo pouco conhecido. Muitas dessas viagens eram financiadas e apoiadas por seus monarcas, com vista a coletar material da botânica, da zoologia e da etnografia para os museus e instituições de história natural de seus países. Nesses locais esses naturalistas permaneceram por meses e anos, se familiarizando com o ambiente, estudando aspectos da fauna, flora e seus habitantes. O Brasil foi um desses longínquos cantos do mundo onde esses pesquisadores da natureza embrearam em suas matas para realizar suas pesquisas. (LEITE, 1995, p.8)

Foi com sua orientação mercantilista de exploração dos recursos naturais que a Coroa Portuguesa no século XVIII delegava aos seus súditos a tarefa de revelar as riquezas naturais do Brasil. Mas essas expedições se intensificam a partir do século XIX, com a vinda da Família Real Portuguesa e a abertura dos portos às nações amigas, que o número de expedições científicas que vieram ao país aumentou. Foi a partir da vinda de vários naturalistas de diversas nacionalidades que o Brasil tornou-se o país mais visitado em toda a América Latina.

Então iniciava-se o século em que o Brasil, seria um dos países mais visitados por estrangeiros. A sua imensidão geográfica, as riquezas naturais e a diversidade étnica atraía um grande número de estudiosos interessados em fazer suas descobertas. As razões pelas quais justificavam essas ousadas viagens, era principalmente econômica, científica e política, pois as viagens traziam resultados para seus financiadores.

Muitos dos viajantes que aqui desembarcaram tinham influência, direta de Alexandre Humboldt, considerado o pai da Geografia e das Ciências Naturais, e Charles Robert Darwin, que influenciou a muitos com seu livro a origem das espécies e entre outros. Assim o Brasil tornou-se rota obrigatória para esses anunciadores de um novo tempo.

1.3 OS NATURALISTAS NO BRASIL

A vinda de naturalistas estrangeiros para o Brasil foi iniciada por conta das reformas administrativas e econômicas realizadas pelo príncipe regente D. João VI. Uma das suas primeiras ações foi justamente conceder ampla liberdade de comércio a todas as nações estrangeiras amigas da corte portuguesa e permitindo a entrada de qualquer estrangeiro. Ao mesmo tempo, proveu a instalação de várias instituições como a *“Impressa Regia, a*

Biblioteca Nacional, Jardim Botânico, Escola Real de Belas Artes” instituições que transformavam a colônia não apenas na sede provisória da monarquia portuguesa, como em um centro produtor e reprodutor de sua cultura.

Assim, britânicos, alemães, franceses, suíços, norte-americanos, se puseram em direção ao Brasil, em busca novas descobertas. Então se iniciava o século em que o Brasil, seria um dos países mais visitados por estrangeiros.

A feliz situação, a fertilidade e diversidade de riquezas do seu solo atraíram um grande número de estudiosos profissionais interessados em fazer suas descobertas. Este movimento veio a ser ainda mais incentivado pela princesa Dona Leopoldina, por conta de seu casamento com D. Pedro I. (LISBOA, 1997, p.29)

Em 1817, Dona Leopoldina filha do Imperador Francisco I organizou uma viagem para o Brasil com sua comitiva de sábios especializados em vários setores das Ciências Naturais, entre eles estava os naturalistas Spix e Martius, conforme Lisboa explica:

[...] financiados e apoiados por seu monarca, o itinerário da missão dos naturalistas foi traçado com vista a coletar material da botânica, da zoologia e da etnografia para os museus e instituições de história natural de seus países, resultados construiriam conhecimento inédito sobre as possessões portuguesas da América do Sul (LISBOA, 1997, p.21)

Essa expedição, iniciada no ano 1817 e finalizada no ano 1820, teve como proposta não apenas coletar material da botânica e da etnografia mas também sobre a natureza e a cultura do Brasil, cujas paisagens guardavam ainda muitos segredos para o imaginário de muitos europeus do período oitocentista. Com esse objetivo, Spix e Martius, ao lado de outros naturalistas e pintores austríacos enviados pelo Imperador Francisco I, partiram do porto de Trieste, a bordo da fragata *Áustria* em abril de 1817, chegando ao Rio de Janeiro em julho do mesmo ano. (LISBOA, 1997, p.21).

Nenhum outro lugar no mundo reservava tantos mistérios a serem desvendados por esses homens e mulheres como o Brasil. Sendo assim, muitos foram impulsionados por um desejo de partir para o Brasil, com intuito de desenvolver suas habilidades científicas.

Esse foi o caso do naturalista Luiz Agassiz, que chefiou a expedição científica norte-americana que visitou nosso país no período 1865-1866 e levou anotações frescas sobre a configuração física, rios, animais e suas plantas. Foi provavelmente a expedição estrangeira que mais facilidade teve para viajar pelo o Brasil, em especial quando se considera a sua parte amazônica. Agassiz foi recebido pelo imperador do Brasil, que chegou a assistir a uma de suas conferências, e viajou com cartas que o recomendava por todo império. O naturalista quando viajou pelo o Brasil entre 1865 e 1866 tinha como preocupação central colher dados que

alimentassem o amplo debate sobre a teoria da evolução em especial a partir da publicação de a origem das espécies (AGASSIZ, 1975,p.9)

O suíço Agassiz compartilhava com Darwi o reconhecimento de que havia muita pesquisa a fazer, em particular no âmbito da geologia, para a curiosidade sobre o desenvolvimento e evolução das espécies pudesse ser esclarecida. Neste sentido, sua viagem ao Brasil guardava a expectativa da novidade, da possibilidade de percorrer lugares desconhecido e pouco explorados pelos homens da ciência.

Luiz Agassiz chefiou a expedição científica norte-americana que visitou nosso país no período 1865-1866.Dessa expedição, composta de umas 15 pessoas e financiadas por Nathaniel Thayer participou,também,Elizabeth Cary Agassiz, que registrou, dia a dia, o ocorrido com todos.(AGASSIZ, 1975, p.5)

Agassiz já havia estudado os peixes de água doce do Brasil, colecionados por Spix, por incumbência de Martius, por motivo da morte de seu amigo. Por isso Agassiz obteve do Imperador apoio necessário para a expedição. O naturalista dedicou sua pesquisa muita atenção as coisas da natureza brasileira, principalmente ás ligadas á Geologia, Paleologia, Paleontologia e Ictiologia. Durante sua presença no Brasil Agassiz realizou uma série de conferências no Colégio Pedro II. O Imperador e sua digníssima família sempre compareceram para assistir suas palestras.

O Imperador do Brasil, que se interessa profundamente por todos os empreendimentos científicos, havia testemunhado viva simpatia pela obra a que eu me consagrava, ao fundar nos Estados Unidos um grande Museu zoológico; cooperara mesmo para isso, enviados coleções feitas por ordem sua expressamente para esse fim. Sabia eu, portanto, que poderia contar com a benevolência do soberano desse vasto Império para tudo o que dissesse respeito aos meus estudos. (AGASSIZ,1975,p.9)

Para Agassiz se não fosse o caráter generoso e hospitaleiro dos brasileiros e o interesse das classes superiores pelo progresso da ciência e da civilização, não teria absolutamente encontrado as facilidades para trabalho da ciência.

A primeira visão que o naturalista teve do Brasil logo ter desembarcado foi justamente a vegetação topical e a vida dos brasileiros, pois uns grupos de escravos cantavam e dançavam para alegrar sua noite. O que logo lhe impressionou quando chegou ao Rio de Janeiro, foi as ruas estreitas, o acumulo de imundícies de toda espécie e os negros carregadores semi-nus que transitavam de lado para outro nos seus trabalhos.(AGASSIZ, 1975,p.460)

Outro naturalista que se interessou pelo o Brasil para realizar suas descobertas foi o naturalista Alfred Russel Wallace, o inglês que se tornou famoso por ter apresentado com

Charles Darwin, uma comunicação sobre a origem das espécies. Muito jovem ainda Wallace, empreendeu em viagem ao Brasil juntamente com o naturalista Henry W. Bates, em 1848. A grandeza da floresta virgem amazônica constituiu-se na principal atração do naturalista. Wallace afirmou que na:

Amazônia, nenhuma pessoa dotada de sensibilidade pode deixar de admirar a natureza prodigiosa: a selva sombria, raramente penetrada por um raio de sol tropical direto; as árvores imensas que se levantam num tronco único mais de trinta metros antes de se ramificar, e que freqüentemente trazem á base enormes raízes tabulares: trepadeiras numerosas, as vezes de grande desenvolvimento, pendendo de ramos, enrolando-se em outros, que sabe coleando á superfície do solo como imensas serpentes, para subirem depois no topo das árvores; cipós que ás vezes são simplesmente raízes aéreas de epífitas, as quais se desenvolvem em direção ao solo, um número imenso de ervas de variadas formas e cores. (WALLACE, 1979, p)

Para Wallace, a floresta era luxuriante e sua fauna riquíssima, de vermes, insetos, aves, peixes, reptéis, mamíferos e numerosos outros grupos. E também populações indígenas distribuídas em várias tribos. Wallace tinha um desejo de ardente visita o Brasil para ver com os próprios olhos vida animal e vegetal que se dizia aqui existir.

O desejo ardente de visitar uma região tropical para observar a luxuriante vida que dizem aí existir e ver com meus próprios olhos todas as maravilhas que lera, encantado, nas narrativas dos viajantes foi o que me levou a quebrar os liames de meus afazeres e as afeições da lar e lançar-me alguma terra longínqua onde reina um verão sem fim. (WALLACE, 1979, p. 11)

O desejo do naturalista era visitar o Brasil que há muito tempo já despertava curiosidade pela sua beleza e ver com os seus próprios olhos o que muitos viajantes descreviam em suas narrativas deste país.

O amigo de Wallace, o naturalista Henry Bates compartilho o mesmo desejo dele, de viajar para o Brasil com o objetivo de estudar a História Natural, de suas margens explorariam a flora e a fauna da região e colecionariam espécimes com duplicatas que venderiam em Londres para pagar suas despesas. Assim esses dois naturalistas fizeram suas descobertas pelo Brasil, levando um grande número documentos que descrevia as riquezas que aqui encontraram.

O naturalista Henry Walter Bates, esteve no Brasil até 1859 coletando na região amazônica mais de 8.000 espécies que mandou para o Museu Britânico e forneceu valiosos documentos de apoio a teoria da espécie que compartilhava com Darwin e Alfred Wallace. A viagem de Bates foi das mais importantes para as ciências naturais.

Esses viajantes ambicionavam interiorizar seus olhares sobre a natureza e a cultura do Brasil, cujas suas paisagens ainda guardavam muitas riquezas para serem desvendadas. Nenhum outro lugar no mundo reservava tantos mistérios a serem desvendados como Brasil.

Sendo assim, muitos foram os homens que partiram de seus países em direção ao Brasil, em busca de realizar seus desejos e conhecer o país que foi descrito através de quadros e fotografias por outros estudiosos que em outro século passaram por aqui

CAPÍTULO II

AMAZÔNIA: O LABORATÓRIO DOS NATURALISTAS NO SÉCULO XIX

A Amazônia foi objeto de estudo para muitos homens da ciência mesmo quando eles ainda não eram assim chamados. Os naturalistas que percorreram seus grandes rios inventariam a fauna e a flora e, principalmente seus habitantes. O cenário da paisagem amazônica foi levado a cabo, ao longo de muitos anos, por homens ávidos por tomar posse e desvendar seus mistérios.

Certamente, os naturalistas que vieram a Amazônia alimentavam-se da abundância de imagens e mitos construídos desde o século passado sobre a região. A Amazônia já despertava no imaginário desses naturalistas desde que as primeiras notícias sobre o Novo Mundo começaram a percorrer o velho continente, isto fruto das primeiras crônicas de funcionários das coroas ibéricas, militares e missionários lidas por leitores europeus. Naquele momento ancorado no discurso científico, construíram outras verdades e discursos que, por sua vez sustentaram muito do que, durante séculos, se acreditou ser realidade o mundo amazônico. (CARVALHO, NORONHA 2011, p.12)

Para Costa (2013) no decorrer do século XIX, a Amazônia brasileira atraiu a atenção de vários naturalistas, principalmente vindos da Europa ou dos Estados Unidos. Esses homens não pouparam esforços em realizar viagens para essa região, a fim de resolver seus problemas intelectuais. Eram homens nobres anunciadores de um novo tempo, um tempo em que a sociedade ocidental de onde vieram estava vivendo as transformações da modernidade.

Os naturalistas que vieram para região Amazônica, quase todos incluíram a Amazônia como parte do seu roteiro de pesquisas. Muitos desses homens e mulheres fizeram da região seu laboratório de seus estudos, inclusive alguns deles passaram anos percorrendo rios e igarapés, há procura de um lugar fértil para pesquisas de História Natural.

Conicionados pelo sucesso das ciências naturais, os viajantes naturalistas do século XIX partiram em busca de novas descobertas, em direção ao mais longo cantos do Brasil. Um desses lugares foi a Amazônia. Os naturalistas que se dirigiram para essa parte da Amazônia eram cientistas oriundos de várias partes do mundo. (COSTA, 2013, p.38)

Esses cientistas traziam em suas bagagens muitas preocupações com relação à História Natural. E em princípio, estavam mais interessados em atender às exigências e propósitos da profissão, porque era lhes necessário classificar, ordenar o que era visto pelo caminho. Ao pôr essa visão classificatória nas regiões onde estavam pesquisando, e ao conseguir coletar

espécimes o segundo passo eram enviar todo o resultado para os Museus em História Natural de seus países. (COSTA, 213, p.39)

Dentro desse contexto, Lima (2010, p.4) nos indica que Amazônia foi um importante espaço de concentração de naturalistas, em busca de desenvolver suas pesquisas em ciências naturais. E que a vinda de naturalista de diversas nacionalidades para essa região veio a ser mais intensificada com a abertura dos portos brasileiros para as nações amigas.

Os estrangeiros tinham um desejo muito grande de vim para a Amazônia para contemplar a exuberância da natureza, e ver com seus próprios olhos todas as maravilhas existentes aqui. Foi os principais motivos que induziram os naturalistas saírem seus gabinetes para conhecer uma terra maravilhosa.

Nas grandes expedições científicas, os viajantes buscavam dar conta das sensações e impressões experimentada durante sua estada na Amazônia, não só utilizando o desenho e a pintura, mas também fazendo ricas descrições textuais. Para grande parte dos naturalistas do século XIX, a multiplicidade de sensações que envolvem o naturalista em sua viagem poderia e deveria ser descrita pela ciência. (LIMA,2010,p.24-27)

Para se ter idéia da quantidade de naturalista viajantes que vieram a região Amazônica a partir do século XIX, foi necessário fazer uma tabela.

NONE VIAJANTES	DOS	PAÍSES DE ORIGEM	DE	NACIONALIDADE	ANO
Jean Louis Rodolphe Agassiz		Suíça		Suíço	1865-1866
Alfred Russel Wallece		Inglaterra		Inglês	1848-1852
Henry Walter Bates		Inglaterra		Inglês	1848-1859
Spix e Martius		Alemanha		Alemão	1820
Adalberto da Prussia		Alemanha		Alemão	1895
Robert Avé-Lallemant		Alemanha		Alemão	1859
Ermano Stradelli		Itália		Italiano	1888-1889

Esses viajantes percorreram a região da Amazônia compartilhando o mesmo desejo, de explorar um espaço pouco desconhecido e quase inexplorado pelo homem da ciência.

Nota-se que os olhares desses estrangeiros sobre essa região não foram ingênuos e muito menos neutros, pois os viajantes tinham nas comunidades por onde passaram pessoas que lhe passavam informações.

Em meados do século XIX, Alfred Russel Wallace (1979, p.11) fazia parte da grande leva de naturalista que vieram para Amazônia. O grande desejo de visitar a Amazônia e contemplar sua riqueza, e a geral fertilidade foi por muitos anos o desejo desse naturalista. A

primeira razão para desloca-se até a Amazônia era a imagem que tinha dos trópicos, inspirada, sobretudo, nos relatos dos viajantes.

Essas imagens o faziam acreditar que, ali, sob a grandeza da floresta, vivia uma realidade enorme de seres cujo conhecimento seria de grande importância para o avanço da história natural. O desejo de conhecer a Amazônia era de cunho científico e ao mesmo instante estético, pois imaginava que nada existiria sob o sol tropical que não fosse diferente do resto do mundo, e mais do que isso, extraordinário fantástico e maravilhoso.

Nos trechos por onde passamos, poder-se-ai cultivar cana-de-açúcar, algodão, café e arroz, de melhor quantidade e em quaisquer quantidades. A navegação é livre e ininterrupta durante todo o ano. Toda a região é entrecortada por rios e igarapés que podem fornecer água com fartura para qualquer fazenda que ai se estabelece. Não existe região no mundo onde, como nessa, possa o povo cultivar e colher tantos produtos de primeira e de segunda necessidade! Milho, arroz, mandioca, cana-de-açúcar, café, algodão; bovinos, aves, suínos; banana, laranja e mais uma infinidade de outras frutas e legumes; tudo produz e se reproduz sem necessidade de muitos cuidados. Uma pessoa poderia ter aqui uma vida de abundância sem necessitar de lançar mão de um único produto exótico, pois a generosa natureza fornece tanto a madeira para construir a casa, quantos as cabaças e a argila para fabricar o necessário vasilhame, e tudo o mais. (WALLECE, 1979, p.60)

Para Wallace a floresta da Amazônia distingue-se das que se encontra em quase todas as outras regiões do mundo pela sua enorme variedade de árvores e principalmente pela a grande quantidade de espécies. Ele destaca que a região era portadora de uma inesgotável fonte de riqueza. Em suas observações ficou maravilhado diante das potencialidades existente na Amazônia.

Sendo assim, muitos homens foram impulsionados por um desejo de partir para região amazônica. Um desejo que fora alimentado por narrativas de viagens e pelo legado imagético no formato de quadros, ilustrações, fotografias realizadas por naturalistas viajantes que alcançaram a Amazônia desde o início de nosso período.

2.1 NATURALISTAS NO RIO SOLIMÕES

Para Lima (2010) viajantes naturalistas do século XIX, motivados por um desejo por conhecer o Solimões, deixaram um legado iconográfico importante sobre a população dessa região. As formas de fazer ciência privilegiaram os viajantes ver com seus próprios olhos a natureza, a vegetação, os animais, mas também o homem amazônico, o índio, o caboclo e até mesmo o homem da cidade. A região é o cenário de sensações e impressões registradas por vários viajantes do século 19 por meio de um acervo de imagens e textos que retrataram o homem amazônico, o índio, o caboclo e o homem da cidade.

Nesse período da História, as viagens exploratórias realizadas por Agassiz, Bates Wallace, dentre outros, marcaram o início da presença de naturalistas no rio Solimões. Eles se deslocaram de seus países para realizar viagens para esta região, a fim de satisfazer suas curiosidades e problemáticas intelectuais. A existência de literaturas desde o século XVI facilitou para esses viajantes percorrerem o rio Solimões (LIMA, 2010, p.10)

O naturalista Wallace (1979) como os demais naturalistas veio coletar os seres da floresta, porque considerava que seu estudo era muitíssimo importante para esclarecer questões da história natural. Wallace quando iniciou sua viagem pelo rio Solimões, em 1849, relata que as casas das cidades eram de um só pavimento, cobertas de telhas vermelhas e assoalhadas de tabuas. Pintavam-se as casas geralmente as casas de branco e amarelo, e as portas e janelas verdes.

A população nessa época totalizava umas cinco ou seis mil pessoas, sendo composta por índios e mestiço. Um só morador sabia falar português, os outros empregavam um dialeto indígena chamado de língua geral. As pessoas trabalhavam durante quase todo o tempo, mais nada tinham, as mulheres estavam sempre escavando mandioca, ou então arrancando ervas, ou cuidando das plantações, ou fazendo vasilhas de barro. Os homens também não deixam por menos, quando não estavam roçando na floresta, estavam derrubando uma árvore para fazer uma canoa, ou remos. (WALLACE, 1979, p.114)

O que se nota, nesse momento é que os povos que habitavam nessa região não eram indolentes, pelo contrário, trabalhavam e muito para alcançar seu próprio sustento. Percebe-se que a grande maioria da população local mantinha um contato bastante íntimo com a natureza, dela extraindo praticamente todos os bens necessários à vida.

Wallace ao percorrer o rio Solimões ficou encantado com sol radiante que se embelezava aos seus olhos, e as águas que alegremente fluíam elevando suas ilhas flutuantes de ervas e seus enormes troncos sobre os quais se mostravam de boa aparência. Durante sua estada no rio Solimões desfrutou das delícias da vida rural e conseguiu colecionar uma razoável quantidade de pássaros e insetos.

Wallace ao se referir a alimentação da população destaca que o prato mais habitual da população era o tambaqui, ocasionalmente substituído por alguma carne, que podia ser de frango, de peixe-boi, de veado ou de algum outro animal. Todos os dias Wallace se deparavam com esse tipo de alimento.

Outros naturalistas que dirigiram para essa parte da Amazônia, foi Spix e Martius que teceram elogios a região do Solimões.

A todos esses encantos junta-se a majestosa tranqüilidade do clima equatorial, que proporciona manhãs frescas, meio-dia ardentes, tardes agradáveis e noites serenas, estreladas, em alternância regular. De felicidade suprema se enche o coração do homem que, saindo das sombrias matas amazônicas, pode ali gozar da cálida suavidade dos dias, da solene calma das noites, (SPIX, MARTIUS, 1981, p.161)

Para os viajantes o aspecto do país nessa região nada se difere do que se ver no resto do país, suas margem e corredeiras são a mesma. O homem que decide viajar para essa região alcança noites tranqüilas, alcançando seu objetivo. Nessa região índios são destacados para abastecer do mercado na Vila da Barra e os postos de fronteira. Um grande numero de índios auxilia na guarnição com os serviços forçados por vários meses. A maioria dos peixes são salgados e seco na beira do rio Solimões.

Os viajantes se depararam com o espetáculo da colheita de ovos de tartaruga e preparo da manteiga de tartaruga. Por todo o rio Solimões os moradores passavam dia a procura de covas de tartaruga para retirar conteúdo.

Numa extremidade da ilha de areia haviam os colhedores construindo umas palhoças de tolhas de palmeiras; grandes montes de ovos desenterrados, canoas cheias de ovos já quebrados, soltando o conteúdo, panelas cheias de gordura a ferver, e cerca de 150 homens, índios, mulatos, negros e alguns brancos, ocupados nesses diversos trabalhos: tudo isso constituía espetáculo novo e alegre, em seguida á costumada solidão da viagem. (SPIX, MARTIUS, 1981, p.162)

Muitas vezes esses colhedores, vindo de região bastante afastada eram nomeados como capitão das praias para manter a ordem entre as pessoas que participavam da colheita. A escolha desse funcionário era feita pelo governador da província, que quase sempre ele designava uma pessoa para guarnição. Diversos colhedores práticos, que exploravam as praias no Solimões. Ali encontraram 350 homens ocupados com o preparo da manteiga de tartaruga e também vendendo vários artigos de luxo.

Entre esses homens estavam diversos índios da etnia dos purupurus que ofereciam seus serviços, como serventes, durante o período da colheita dos ovos, em troca de um machado ou tecido de algodão. Os índios purupurus são malhados e não são os únicos na America do Sul, em que aparece essa irregularidade na pele (SPIX, MARTIUS, 1981, p.168)

Também Bates (1979, p.200) ao chegar á região do Solimões tinha necessidade de encontrar um lugar onde houvesse um campo fértil para a pesquisa da história natural, principalmente porque desejava encontrar um lugar que pudesse se estabelecer por alguns meses ou anos. Ao chegar a Ega hoje a atual cidade de Tefé, permaneceu ali durante anos, pois o lugar se tornou-se um lugar adequado para um pesquisador da natureza. Bates viveu em Ega em completa harmonia com os habitantes de cidade.

A população nessa região sempre se mostrou agradável com o estrangeiro e sempre parecia natural que estrangeiros viessem recolher e enviar para outros países os belos pássaros e insetos desse rio. Assim nota-se que a vinda de naturalista para essa região era bastante freqüente tornando assim natural a estada deles nessa região.

2.2 O OLHAR CIENTÍFICO SOBRE AS POPULAÇÕES DO RIO SOLIMÕES

Em nenhuma outra parte do mundo se poderia estudar tão completamente como no Amazonas a mistura dos tipos, pois nela os mamelucos, os cafusos, os mulatos, os caboclos, os negros e os brancos produziram por suas alianças, uma confusão que á primeira vista parece impossível destrinchar. (Agassiz,1975,p.182)

Para Agassiz, a população existente no Solimões merece atenção do viajante estrangeiro muito mais como objeto de análise de suas investigações. Ao chegar a região do rio Solimões o naturalista ficou estarecido com a diversidade humana com a qual se defrontou, principalmente, com os efeitos produzidos pela mestiçagem. Referiu-se da seguinte maneira aos problemas causados pela mistura das raças no Solimões

Outra particularidade que igualmente impressiona o estrangeiro é o aspecto fraco e depauperado da população. Já havia assinalado anteriormente; mas, nas províncias do Norte, isto é bem mais impressionante que nas do Sul. Não se trata apenas de ver crianças de todas as cores: a variedade de coloração testemunha, em toda sociedade em que impera a escravidão, o amálgama de raças. Mas no Brasil essa mistura parece ter sido sobre o desenvolvimento físico uma influência muito mais desfavorável do que nos Estados Unidos. É como se toda pureza de tipo houvesse sido destruída, daí resultando um composto vago, sem caráter e sem expressão. Essa classe híbrida, ainda mais marcada na Amazônia por causa do elemento índio, é numerosíssima nas vilas e nas grandes plantações.(AGASSIZ,1975, p.180)

Na visão de Agassiz, os naturalistas que visitaram o Solimões podiam diferir de opiniões com relação à origem das espécies, mas com relação ao cruzamento estavam completamente de acordo. Ao olhar o homem amazônico com um problema, o naturalista não deu valor necessário para a população. As análises empreendidas por Agassiz sobre aspecto da população do Solimões é de modo bastante preconceituosa. Nota-se que o suíço ao se referir sobre a população sempre viu o cruzamento das raças como um empecilho, visto que não se poderia olhar de outra maneira esse a questão.

Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados por falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país se dão mais largamente do que em qualquer outro..Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades, quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu.(AGASSIZ, 1975, p. 180)

Desta feita, o suíço descreve a população existente nas margens do rio Solimões, sem se importar com as palavras de maneira negativa dada a população. Sendo que a questão do cruzamento não era visto como um problema para a população que habitava nesta região. As conclusões de Agassiz pautaram-se em estudos já realizado por ele nos Estados Unidos sobre a mestiçagem. O ano de sua chegada ao Brasil coincidiu com a abolição da escravatura nos Estados Unidos. Dai, se nota suas comparações entre os dois países, principalmente com relação ao direito dos negros.

Numa época em que a nova situação social de negro é, para os nossos homens de Estado, uma questão vital, onde seria bom aproveitar a experiência de um país onde a escravidão existe, é verdade, mas onde há mais liberalismo para com o negro do que nunca houve nos Estados Unidos. Que essa dupla lição não fique perdida. Abramos ao negro todas as vantagens da educação; demos-lhe todas as possibilidades de sucesso que a cultura intelectual e moral dá ao homem que dela se sabe aproveitar; mas respeitemos as leis da natureza e, em nossa relação com o negro mantenhamos, no seu máximo rigor, a integridade do seu tipo nativo e a pureza do nosso.”(AGASSIZ, 1975,p.180)

O suíço concluiu que, os negros dos Estados Unidos merecem uma educação, enquanto os do Solimões era impossível alcançar, devido o seu estado de acelerada do cruzamento. Era essa realidade encontrada no Brasil que naturalista não queria que se espalhasse pelo Estados Unidos.

Importa salientarmos que durante a expedição de Agassiz pelo rio Solimões o viajante se beneficiou com a mão de obra da população que se mostrou muito agradável com estrangeiro. E muitos de seus empregados eram índios e mestiço que prestavam serviços como remadores e guias.

Agassiz (1975) ao estudar as características gerais da população do Solimões fez questão de retratar os traços de sua criada Alexandrina. A mistura do sangue índio e sangue preto, que corria em suas veias, faziam dela um exemplo claro do cruzamento de raça que aqui se encontrava. A maneira como ele a descreve acentuando suas principais características passa a impressão de estar fazendo uma caricatura do que preocupado em captar como seria as qualidades da população que existem nas margens desse grande rio. Desta forma Agassiz

[...] desejava tê-lo por causa da disposição extraordinário da cabeleira dessa moça. Seus cabelos perderam as ondulações finais e cerradas próprias dos negros, adquiriram mesmo alguma coisa da longura e do aspecto duma cabeleira de índia, mas lhes ficou, apesar de tudo, uma espécie de elasticidade metálica. A pobre menina faz tudo para penteá-los; eles ficam em pé em sua cabeça e se eriçam em todas as direções, como se estivessem eletrizados.(Agassiz,1975,p.154)

O interesse do naturalista em mostrar visivelmente sua criada Alexandrina devia-se, sobretudo, ao fato de querer demonstrar ao mundo e provavelmente aos homens dos

Estados Unidos, como era uma espécie originária, segundo ele próprio, desse amálgama de raças existente aqui. O olhar do suíço era claro, queria mostrar o resultado da mestiçagem produzida entre o elemento da raça negra com o indígena. O estrangeiro passa impressão de querer esconjuram a realidade da mestiçagem no Solimões, para que a existência na América do Norte não atingisse as mesmas proporções da constatada por ele aqui.

Duas coisas impressionam vivamente o viajante no Alto Amazonas. Logo à primeira vista se percebe quanto é urgente a necessidade de uma população mais numerosa; em seguida, sente-se a necessidade de mais alta moralidade entre os brancos. Enquanto tais condições não forem satisfeitas, será bem difícil desenvolver os recursos desta região. Para chegar a esse resultado, é extremamente importante abolir todo entrave a livre navegação do Amazonas e seus tributários; é preciso abrir essas grandes vias fluviais à ambição e à concorrência de todos os povos. (AGASSIZ, 1975, p. 154)

Desta forma, nota-se que o viajante ficou impressionado com a falta de uma população numerosa e a presença escassa da população branca. Para ele enquanto o Solimões não fosse aberto para a livre navegação as necessidades da população branca não poderia ser satisfeita. A visão do naturalista é bem clara enquanto a população do Solimões não se tornar totalmente branca, essa sociedade não poderia alcançar a modernidade.

O naturalista Henry Walter Bates (1979) de todos os viajantes, foi o que mais tempo demorou na região do Solimões, chegando à região em 1848, e permanecendo até 1859. Ao realizar suas pesquisas na região do Solimões também fez questão de descrever a população.

As reflexões empreendidas por Bates, sobre a população do rio Solimões são de maneira agradáveis, principalmente quando se refere aos habitantes da cidade de Tefé. Ao se referir aos habitantes de Tefé deixou claro que vivia em completa harmonia com os habitantes. Para o viajante a população tinha uma grande vontade de ser considerada civilizada. E mais da metade dos habitantes de Tefé era composta de mamelucos e uma quantidade de cinquenta brancos da raça pura. O número de negros e mulatos era um pouco menor, constituindo o resto da população de índios puros. (BATES 1975, p. 205)

O estrangeiro ficou muito surpreso com recepção dos habitantes de Tefé. Quando desembarcou na cidade, o proprietário do barco mandou matar um boi em comemoração a chegada do estrangeiro, e no dia seguinte apresentou Bates aos mais importantes habitantes de Tefé. Primeiro foram à casa do delegado de polícia o senhor Antônio Cardoso, que se tratava de um homem corpulento, de feições largas, que passava por branco embora tivesse traços de sangue negro, a cor rosada do seu rosto dificilmente deixava transparecer essa mistura. O viajante foi recebido de maneira muito cordial e cativante pelos habitantes de Tefé. (Bates, 1979, p. 201)

O estrangeiro fez de Tefé seu quartel-general durante sua permanência no Solimões. Durante suas excursões pela região o naturalista fez questão de descrever a vida sossegada do povoado.

Eu vivia como já devo ter deixado bem claro em completa harmonia com os habitantes de Ega. É lógico que não havia a menor possibilidade de existir ali uma sociedade requintada, mas as duas ou três dezenas de famílias que constituíam a classe alta do lugar compostas de pessoas decentes, sossegadas e muito sociáveis, cujas maneiras apresentavam uma curiosa mistura de ingênua rusticidade e cortesia formal. (BATES, 1979, p. 202).

O discurso, ainda que enunciado por um pessoa estranha ao mundo amazônico, possibilita captar o olhar do estrangeiro sobre os povos que habitavam nessa parte da região. Nota-se que a população se mostravam amáveis e educados para com europeu. E nunca foram vítimas nesses lugares pelos moradores.

Quando Bates chegou à região do Solimões, Ega como era chamada a cidade de Tefé era apenas um arraial sob a jurisdição da cidade do Pará, distante dali dois mil quilômetros.

A partir de 1852, com a criação da nova província do Amazonas, o vilarejo foi elevado a cidade, enviando seus representantes ao parlamento provincial da Barra. A navegação a vapor foi estabelecida no Solimões, a partir de 1855 e foi possível ligação a vários rios. Foi a partir da ligação de vários rios que o povo se tornou mais civilizado, e começou a se vestir segundo o último figurino de Paris, ao invés de andar de tamancos sem meias e em mangas de camisa, além disso adquiriu o gosto pelo dinheiro e pelos cargos públicos.

Ao deixar o lugar em 1859, o naturalista descreve o que via, pelo seu olhar, que o vilarejo semi-indígena cujas maneiras e idéias lembravam mais uma cidadezinha do interior, na Europa setentrional, do que uma colônia sul-americana. O lugar é salubre e praticamente isento de insetos perniciosos, e cercado por uma perpétua e verdejante mata e o seu solo é de uma assombrosa fertilidade, mesmo para os padrões brasileiros; seus inumeráveis rios, com seu labirinto de canais, fervilham de peixes e tartarugas. Que futuro esplêndido aguardava essa cidade sonolenta tropical. (BATES, 1979, p. 205)

O naturalista também analisou as festas religiosas em Ega, no alto Solimões, lembra os acontecimentos como sendo bastante semelhante ao que pode ser observado durante um velório à moda antiga nas remotas aldeias da Inglaterra. Mas a parte que nos interessou foi quando o inglês faz uma síntese dos principais acontecimentos ocorridos durante a festa, ou seja, as danças, as conversas a bebida, as brigas, os carinhos mais exagerados dos habitantes.

A padroeira do povoado é Santa Teresa, e sua festa, como a maioria das outras, dura dez dias. O começo é calmo, com ladainhas entoadas à noite na igreja; a maior parte da população comparece, todos vestidos com roupas limpas e festivas, de algodão ou cassa; as moças trazem jasmim ou outras nos cabelos, sendo esse o único enfeite

que as mulheres seja qual for a sua classe usam na cabeça [...] .O comportamento do povo do interior nessa ocasiões festivas, que ocorrem várias vezes durante o ano, sempre me deixou a impressão de ser bastante semelhante ao que pode ser observado durante um velório á moda antiga nas remotas aldeias da Inglaterra.(BATES,1979,p.211)

Diante de tais características do comportamento dos habitantes de Tefé, o naturalista fez questão de refletir sobre as similaridades da natureza humana em toda parte do globo quando as condições vida e o nível de cultura são os mesmo encontrados aqui. Tudo isso era exatamente o que o naturalista já havia observado na Inglaterra em trabalhadores rudes e ignorantes. Bates só confirma que o processo de disciplinamento a que eram submetidos os trabalhadores ingleses ainda estava muito longe chegar ao objetivo esperado.

Creio que desta forma, norteados pelo olhar da modernidade os dois naturalistas passaram a criticar população do rio Solimões como sendo inferiores. Principalmente quando o assunto é o cruzamento das raças. Mas é importante destacar que o cruzamento de raças nunca foi visto como um problema para os habitantes dessa região e muito menos para os brasileiros.

2.3 OS POVOLS ÍNDIGENAS NO OLHAR DOS NATURALISTAS

Para Costa (2013) os povos indígenas foram inseridos nos discursos produzidos pelos naturalistas que visitaram a rio Solimões no século XIX, de maneira negativa na tradição de uma herança perversa do colonizador europeu. Essa perversão da memória no que tange aos modos de como as populações indígenas da Amazônia foi revelada ao mundo de forma negativa pensadas de como impossibilidades ou incapaz de ser sujeito do progresso potencial da Amazônia. Essa revelação traduziu-se na desqualificação do indígena, pelos referenciais como á apatia, á tristeza, á indolência a preguiça, á selvageria, ou então foram compreendidos como indivíduos puros ingênuos atrasados e inaptos ao trabalho.

A perversão produzida resulta de que os naturalistas basearam suas análises num referencial de mundo europeu, então perpassando pelo tempo da modernidade. E não se levaram em consideração que a realidade presenciada tinha outros valores e práticas sociais, ainda em muito herdeira do conhecimento milenar da natureza, produzindo pela nações indígenas, que desenvolveram formas diferentes de trabalho e lazer, comércio, relações sociais e culturais.

Ao pensar o elemento humano dessa maneira, nos leva a concluir que julgavam a natureza amazônica uma obra pronta e acabada, a não ser pelo homem amazônico, que não era sequer digno de explorá-la. Em outras palavras, a natureza estava pronta, mas o seu habitante não. (COSTA, 2013,p.43)

O que podemos notar é a existência de uma luta cultural muito intensa na região. Os naturalistas com suas observações preconceituosas tornaram possível o entendimento da representação que fizeram acerca das formas variadas em que os agentes sociais em luta deram vazão a esses conflitos. (COSTA, 2013, p.123)

É importante destacar que os naturalistas que passaram na região tiveram um grau de muita proximidade com o poder, razão pela qual, por vezes, seus discursos mantêm uma semelhança com os documentos oficiais contemporâneos à época de suas passagens. E, mais que isso, muitas de suas conclusões foram orientadas pelos pensamentos do passado que ainda hoje tentam se manter firme no presente.

O naturalista inglês Henry Walter Bates (1979, p.221) que viajou durante quatro anos e meio pela região do rio Solimões realizando seu trabalho científico não desperdiçou suas palavras ao descrever as etnias indígenas que encontrou em sua longa viagem. Ao iniciar sua expedição para o alto Amazonas como é denominado o rio Solimões o naturalista se deparou com uma tripulação indígena que realizava os trabalhos no barco na qual viajava.

O naturalista conviveu durante a viagem até chegar seu destino principal com dez indígenas da tribo Cucamas, cujas terras ficava localizadas nas margens do rio Solimões. Esses Cucamas falavam a língua tupi, mas seu sotaque era mais áspero do que o índio semi-civilizado encontrado em Ega. Para Bates os indígenas Cucamas são um povo esperto e trabalhador sendo os únicos indígenas que trabalhavam com boa vontade. (BATES, 1979, p.193)

Na visão Bates, nada podia diferenciar esses homens com o resto da população que havia se deparado no rio Negro. Muitos eram altos e bem constituídos, outros tinham uma figura abaxa com ombros largos e os braços e pernas excessivamente grossos e feições inteiramente mongólicas, o rosto largo, as maçãs salientes, o nariz achatado e os olhos oblíquos. Esses representavam as feições físicas das populações encontradas. O inglês, ao comentar a situação das populações indígenas, afirma:

A bondade desses índios como ocorria com a maioria dos outros com os quais eu havia convivido consistia talvez mais na ausência de qualidades más do que na presença de boas; em outras palavras, era mais negativa do que positiva. Seu temperamento apático e indiferente, a ausência de ambição e a frieza de sentimento, bem como a falta de curiosidade e de agilidade mental fazem dos índios do Amazonas uma companhia muito desinteressante. Ele tem uma imaginação embotada, sem vivacidade, aparentemente nunca se deixa dominar por sentimento como amor, a piedade, a admiração, o medo, o espanto, a alegria, o entusiasmo. Essas características são comuns a toda a raça indígena. (BATES, 1979, p.194)

Contudo, na visão do viajante naturalista os indígenas foram considerados como aqueles que não tinham boas qualidades, mas este não levou em consideração os trabalhos realizados

por esses grupos na expedição. Nos relatos muitos se nota trabalho indígena para conseguir peixe para alimentar esses viajantes que não tinham conhecimento para capturar seu próprio alimento. O trabalho dos indígenas foi essencial para a realização da coleta científica, pois sem eles a coleta de insetos, répteis, e conchas seria não impossível.

Bates deixa clara sua visão sobre o índio amazônico em especial do rio Solimões, a visão do naturalista se destaca na maneira na qual ele elogia as populações indígenas existentes em Tefé. Para este explorador, o convívio com os habitantes em Tefé era bastante harmonioso e não havia a menor possibilidade de existir uma população agressiva. Os habitantes eram pessoas decentes, sossegadas e muito sociáveis, cujas maneiras apresentavam uma curiosa mistura de ingênua rusticidade e cortesia formal. Os índios que o naturalista conviveu na expedição pareciam achar muito natural que estrangeiros viessem recolher e enviar para o exterior as belas pássaros e insetos do seu país. Segundo ele,

Sebastião o indiozinho que me acompanhava quase sempre nas minhas andanças pela mata, sendo de grande ajuda para encontrar os pássaros que eu caçava, os quais às vezes caíram no meio de cerradas moitas de mato, onde se emaranhavam galhos e folhas secas caídas das árvores. Ele tinha uma grande habilidade para pegar lagartos com as mãos e para trepar em árvores, mesmo as palmeiras de tronco mais liso não lhe ofereciam nenhuma dificuldade; ela pegava um pedaço de cipó flexível e resistente, atava-o ao redor da árvore para servir de apoio para os pés e, abraçando o tronco escorregadio, ia subindo por ele aos pulinhos. Era muito divertido ver, nas primeiras semanas, o orgulho e a satisfação com que ele me trazia os cachos de frutas que ia apanhar no alto de árvores quase inacessíveis. Sebastião evitava a companhia dos meninos de sua raça, era evidente que se sentia orgulhoso de servir de criado para um genuíno homem branco. (BATES, 1979, p.208)

De modo muito claro, a proposição acima é perceptível em vários momentos no relato do naturalista viajante que a população indígena foi de grande ajuda para a realização de novas descobertas no trabalho científico, pois o índio por muitas vezes fazia o papel de naturalista, de procurar espécies e de remadores das embarcações que percorriam os igarapés do Solimões.

Bates chama atenção para as populações indígenas vizinhas de Tefé que não se mostraram hostis para o colonizador europeu. Os revoltosos indígenas do Baixo- Amazonas não conseguiram fazer com que os nativos do Solimões se revoltassem contra o homem branco. As tribos que habitam as terras aos arredores de Tefé são os Juris e os Passés que praticamente se encontram extintos. Que tratava de um povo pacífico, agradável e trabalhador, que se dedica à agricultura e à pesca e sempre foi amigo do branco. (Bates, 1979, p.210)

A principal causa da diminuição de sua população é uma doença que sempre aparece no meio deles quando uma de suas aldeias é visitadas por gente de povoados civilizados. A doença é geralmente fatal para os Juris e os Passés. A doença começa com febre baixa e constante, acompanhada pelos sintomas de um resfriado comum, como eles chamam, e acaba provavelmente por se transformar em consunção. Uma das conseqüências advindas desse contato com a civilização seriam as doenças que os índios adquiriram com a relação com o estrangeiro. Bates afirma que:

Aos poucos fui chegando á conclusão de que o índio não passa de um estranho ou imigrante, nas regiões tropicais e que, originariamente, sua constituição não era adaptada ao clima, nem mais tarde se adaptou inteiramente a ele (BATES, 1979,p.210)

O que temos com todas as letras é que, na visão do viajante naturalista o destino da população indígena estava comprometida, com tantas doenças que os assolavam. Uma das conseqüências advindas do contato com a civilização. Embalados por esse pensamento, o estrangeiro refere-se do seguinte modo alguns grupos indígenas residentes num povoado em Fonte Boa, no alto Amazonas:

O povoado tivera em outro tempos muito mais importância do que agora, tendo-se estabelecido ali um grande número de índios pertencentes a tribos industriais como por exemplo, as dos Xumanas, dos Passés e dos Cambevas; esses índios haviam adotado hábitos civilizados e trabalhavam sob a orientação de alguns brancos, que parecem ter sido homens dotados de qualidades humanitárias, além de serem ativos comerciantes. (Bates, 1979,p.286)

Para o inglês o que causa a ruína dos povos indígenas foi a chegada de vários comerciantes portugueses e brasileiros, de classe baixa, que na sua ambição de comerciar havia ensinado aos pacatos índios todo o tipo de trapaça e imoralidade. E atraíam para os seus serviços os homens e as mulheres do lugar, roubando-os dos seus antigos padrões. Continuando com suas observações sobre os índios que havia encontrado nas cabeceiras do rio Solimões, assim como de outras, tendo em comum o fato de viverem longe das cidades, Bates conclui que o estilo de vida dos índios Tucumas são iguais as outras tribos, no que se refere sua aparência geral. Seus hábitos eram:

Um povo agrícola e de vida sedentária, cada horda obedecendo a um chefe de maior influência, segundo sua energia e ambição e possuindo um pajé, ou curandeiro, que incentiva suas superstições. São, porém, muito mais indolentes e depravados do que outros índios pertencentes a tribos mais adiantadas. Não se mostram tão aguerridos nem tão leais como os Mundurucus, embora se assemelhem a eles em muitos aspectos; também não possuem o físico esbelto, o ar digno e o temperamento afável dos Passés. (BATES, 1979,p.292)

O viajante chegou a conclusão que esses povos indígenas a primeira vista se mostravam ariscos com viajantes, mais depois de se familiarizar se tratavam de um povo inofensivo e pacato.

Na contramão dessa visão negativa do índio amazônico, teremos o amigo e conterrâneo de Bates, Alfred Russel Wallace, que não concorda com as conclusões. Wallace ao se referir à população indígena, não lhes economizou elogios. Na última parte de sua narrativa que tem por título dos aborígenes da Amazônia, inicia dizendo que, se compararmos as outras narrativas dos viajantes com sua, os índios do vale amazônico parecem superiores tanto física como intelectualmente aos que vivem no sul do Brasil e a maior parte dos outros indígenas sul-americanos, lembrando bem mais de perto as inteligentes e nobres que etnias habitavam as pradarias ocidentais da América do Norte.

Wallace chama para colaborar com suas conclusões, o depoimento de um viajante, o príncipe Adalberto da Prússia, que passou na Amazônia entre os anos de 1842 e 1843.

Esse ponto de vista é corroborado pelo Príncipe Adalberto da Prússia, que foi quem primeiro entrou em contato tanto com índios selvagens do Sul do Brasil como com os da Amazônia. Ele registrou em suas obras a surpresa e admiração que sentiu a este respeito, em virtude da enorme superioridade desses últimos em relação aos primeiros, especialmente quanto ao porte físico mais belo e robusto e a índole mais pacífica (WALLACE, 1979, p. 291)

Wallace ao deixar sua visão positiva em relação aos índios do Amazonas, teceu críticas aos viajantes que analisaram os modos de vida e de cultura dos que habitavam no interior das cidades e a partir daí generalizaram as características aí encontradas, como se fossem iguais às de todos os indígenas existentes na região. Defendeu que os indígenas foram forçados a viverem

Nas vizinhanças da civilização, o índio perde a maior parte de seus costumes típicos, modificando seu estilo de vida, sua arquitetura, seus hábitos e sua linguagem, adquirindo os preconceitos da civilização e adotando os ritos e cerimônias da religião católica romana. Torna-se logo um ser diferente daquele que constitui o genuíno habitante da selva". (WALLACE, 1979, p. 291)

Portanto, para Wallace o homem amazônico estaria muito longe de ser um degenerado. E nesse ponto, reinterpretou muito bem o conceito de degeneração levando a crer que a degeneração não estaria no índio como raça e, sim, quando ele era, por qualquer motivo, obrigado a entrar em contato com a chegada da civilização.

Os naturalistas passaram a olhar os habitantes do Solimões como sendo inferiores por causa do cruzamento raças, como se miscigenação fosse um problema para esta população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de todo o processo da pesquisa, foi possível analisar que desde o início do século XIX foram muitas expedições científicas que percorreram o rio Solimões, em busca de estudarem a fauna, flora e seus habitantes. Foram muitos os homens e mulheres embalados pelo sucesso das ciências naturais, partiram em direção a esse rio em busca de novas descobertas. Esses viajantes eram botânicos, zoólogos, entomólogos, geólogos, enfim cientistas oriundos muito mais das ciências naturais que das nascentes humanas.

Esses homens e mulheres fizeram a opção de ver com seus próprios olhos as riquezas naturais existente nessa região. E nessas expedições os naturalistas buscavam dar conta das sensações e impressões durante toda sua estada nesse rio. Não só utilizando o desenho, mas também fazendo ricas descrições textuais. Para esses pesquisadores os eventos ocorridos deveriam se descritos tudo pelas ciências naturais. Assim muitos desses viajantes, não escolheram apenas ver com os próprios olhos, mas sentir também os fenômenos naturais. Muitos desses homens e mulheres fizeram do rio Solimões seu laboratório de pesquisa por causa da quantidade de animais nessa região, inclusive alguns deles passaram anos percorrendo, rios e igarapés do rio Solimões com a firme intenção de encontrar um lugar fértil para suas pesquisas em história natural. Os naturalistas, Agassiz, Bates, Wallece passaram muitos anos nessa região explorando suas riquezas pouco conhecida.

Foi dentro desse contexto que se constatou que os naturalistas não só aumentaram seus conhecimentos sobre os peixes e animais mais também acumularam um soma de fatos novos e interessantes sobre as numerosas variedades pelo cruzamento de índios, pretos e brancos, nessa região. Para estes estudiosos, no rio Solimões se poderia estudar a mistura produzida entre mamelucos, os cafusos, os mulatos, os caboclos, os negros e os brancos pelas alianças que este grupo formou.

Os discursos produzidos pelos naturalistas a respeito desta população do rio Solimões foram acarretados de preconceitos, que desvalorizavam a população. As características da população era diariamente desvalorizada pelo fato de seus costumes serem diferente do homem europeu, sendo o contexto vivenciado pelos estrangeiros estava longe de ser o mesmo o deles. Foi a partir desses olhares preconceituosos que os naturalistas desprezaram os habitantes desse rio. Para eles a população nunca poderia alcançar a modernidade devido o seu estado de cruzamento, em quanto os habitantes não se tornasse totalmente brancos, jamais eles alcançariam a modernidade.

Mas vale lembrar que a população desse rio foi peça chave para a realização de suas pesquisas, pois foram os habitantes que fizeram o trabalho de remadores, guias, coletores, pescadores, para esses estrangeiros de diferentes partes do mundo. O trabalho dessa população foi crucial as pesquisas científicas, foram os índios, os negros que passavam dias, meses remando, pescando coletando animais para esses estudiosos, sem ter qualquer tipo de remuneração. Os serviços realizados pelos índios como guias nunca foram valorizados por esses viajantes, o índio era tido como preguiçoso indolente por se cansar de um dia de trabalho.

Vale ressaltar, que a população no século XIX vivia em um contexto social totalmente diferente do europeu, ela não precisava de trabalhar o dia todo para conseguir seu alimento, a natureza lhe oferecia tudo sem grandes esforços.

Nota-se através das análises, se não fosse os serviços da população os naturalista não conseguiriam fazer suas pesquisas, pois que conhecia os igarapés onde se encontravam a espécimes de animal que eles estavam procurando, eram o índio e negro que eles tanto criticavam, se não fosse a hospitalidade da população possivelmente suas pesquisas não teriam tanto sucesso. Um exemplo claro dessas prestações de serviços, foi a criada do naturalista Agassiz que fazia o papel do naturalista, era ela que coletava grande parte das espécimes de animais da floresta para o naturalista. Assim entende-se a população foi de fundamental importância para o conhecimento da história natural, sem a tal, esses estrangeiros preconceituosos não teriam passado anos nessa região.

Portanto este trabalho, por se tratar de uma investigação histórica, com o uso de documentos e bibliografias na exposição dos seus resultados, tem por responsabilidade em sugerir algo, que possa contribuir com o engrandecimento dessa rica história que esta diretamente ligada a população de um dos mais importantes rio do Estado do Amazonas:

Incentivar que novos trabalhos de pesquisas com o mesmo eixo temático “A confusão dos tipos”: o olhar naturalista sobre as populações do rio Solimões no século XIX ” seja realizado no meio acadêmico local. O conhecimento, não é algo pronto e acabado, em tudo, é possível tecer novas punições críticas.

REFERÊNCIAS

- AGASSIZ, LOUIS. **Viagem ao Brasil: 1807-1873**. Belo Horizonte, Ed Itatiaia, São Paulo, 1975.
- ANTUNES, Anderson, Perreira. **Arte como ciência: a produção científica do artista viajante oitocentista**. 1ed. Osvaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2013
- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. ed. Itatiaia. São Paul, 1975.
- COSTA, Hideraldo. *Cultura e Luta Social na Amazônia: Discurso dos Viajantes-Século 19*. Manaus, Ed Valer e Fapeam, 2013.
- CARVALHO JUNIOR, Diniz. Nelson Noronha. **A Amazônia dos Viajantes: história e ciência**. Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- DANTES, Maria, Amélia, M. (Org.). **Espaços da Ciência no Brasil**. Editora Fiocruz, 2001.
- FERREIRA, Aurélio, Buarque, de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. 8.ed Curitiba, Positivo, 2010.
- HOBSBAWM, Eric, J. **A era das revoluções**. 34.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2014.
- KURY, Lorelai. **Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: relato e imagem**. In Revista História a Ciência e Saúde vol VII, Fund Oswaldo Cruz, 2001.
- LEITE, Moreira, Miriam. **Naturalistas Viajantes**. História, ciência, Manguinhos, (1), 1995.
- LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlantida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Rio de Janeiro, v. 22, n° 1, 179-194, 2009.
- LISBOA, Karen, Mcknow. **Spix e Martius, Historiadores da Natureza**. In Pinheiro, Liliana (Ed). *O olhar dos viajantes: o Brasil ao natural*, São Paulo: Duetto, 2010. p. 42-47.
- LISBOA, Karen, Mcknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem ao Brasil (1817-1820)** São Paulo: Hucitec, 1997.
- LIMA, Valéria. **Paisagens Eternizadas na arte Francesa**. In Pinheiro, Liliana (Ed). *O olhar dos Viajantes: o Brasil ao natural*. São Paulo, Duett, 2010.
- Schwarz, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- SPIX, e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. Belo Horizonte: ed .Itatiaia; São Paulo 1981
- WALLACE, Alfred Russel, 1823-1913. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Ed .Itatiaia; São Paulo, 1979.